

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O Evangelho segundo Trump e seus discípulos tropicais

João Saraiva
joaoantoniosl@gmail.com

Vivemos tempos em que fanatismos viraram fé e farsas viraram doutrina. Donald Trump foi promovido, por aqui, a guia espiritual da direita tropical. Seus seguidores brasileiros não apenas repetem seus discursos; copiam seus gestos, seus bordões e até seus delírios persecutórios.

Agora, senadores trumpistas ameaçam sancionar o ministro Alexandre de Moraes, acusando-o de “violar direitos humanos” por processar Jair Bolsonaro. Esquecem — ou fingem esquecer — que o ex-presidente responde por tentativa de golpe, fraude vacinal, uso político das Forças Armadas e mais. Para essa seita, golpista é patriota, e quem defende a Constituição é um tirano.

Aqui, o bolsonarismo virou religião de conveniência. Seus dogmas são claros: negar a ciência, demonizar minorias, batizar e educar bonecas “reborn” e desejar a morte do Papa Francisco por ele

ter falado de paz e justiça social. O tripé é sagrado: Deus, Pátria e Fuzil. Trump, o pai; Bolsonaro, o filho; e a desinformação, o espírito santo.

Esses devotos distorcem tudo: combater fake news é censura; punir crimes, perseguição; defender a democracia, ditadura. Vestem verde e amarelo, mas torcem por sanções de Washington contra o Brasil, desde que isso salve seu “messias”.

Enquanto isso, a realidade sangra: indígenas são assassinados, jornalistas são ameaçados, e famílias brasileiras enfrentam fome, desemprego e desesperança. Nada disso comove os profetas da moral armada. O foco está em “derrubar o sistema”, desde que a queda não atinja seus privilégios.

É preciso resistir. Com lucidez, com coragem, com humanidade. Soberania não se defende em motociata, nem se vende em dancinha de TikTok. Fé não se mede por curtidas, nem por ódio em nome de Deus.

Democracia exige razão. E a razão, hoje, está em falta no altar dessa cruzada tropical.

Lembranças: alegres, doces e amargas

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

As lembranças envolvem sentimentos diversificados e, dependendo do momento, ao qual nos detemos, elevam ou maltratam. Quando vêm carregadas de saudades, este complexo sentir, pode ser um misto de melancolia, nostalgia, e se manifesta pela ausência de alguém ou de algo, nos deixa com uma dolorosa sensação de falta, com vontade de se apossar e viver novamente o que já não é pertencimento. Aí sofremos, choramos e nos sentimos impotentes. Mas, também, a lembrança em forma de saudade dos bons momentos nos dá satisfação por ter vivido ou possuído o objeto, agora, já ausente daquela emoção.

O passado, através das nossas lembranças, sempre volta. Para uns, mais, e outros, menos, vai depender de cada pessoa. Vivo o presente com alegria, com vontade de ser e fazer bem aos que me rodeiam, aproveitando cada momento em algo proveitoso. De repente, pode até

ser bom o não fazer nada. Mas costumo dizer que parte de mim é agora saudade, momento crônico se acentua com o passar do tempo, diante de perdas e inevitáveis acontecimentos. A sabedoria de aceitar a dor do inevitável é necessária. E, de repente, cantamos aquele trecho da canção: “Das lembranças que eu trago na vida/ Você é a saudade que eu gosto de ter/ Só assim sinto você bem perto de mim/ Outra vez”.

Esse embate com nós mesmos entre atitudes, dúvidas, vivências, emoções, é justamente o que nos faz caminhar. É a vida pulsante em cada ser tentando trazer à tona o sentido do que somos e a consciência do viver como um aprendizado constante.

Eis que rompe a primavera, ou o outono, ou o verão, ou a chuva, cada um deles são bençãos, cor, luz, fruto e banho para a alma e ânimo para nossos dias. E nos tornamos renovados diante de cada estação, de cada momento que nos faz pulsar e entender com gratidão o quão bom é viver.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A importância da comunicação

Benízia Menezes
Radialista, poetisa

Em vários momentos, nos vemos envolvidos em diferentes tipos de conversa. Às vezes, concordamos em certos pontos; em outras ocasiões, nossas opiniões divergem. É nesse contexto que surge uma situação delicada: como expressar nosso ponto de vista sem gerar conflitos?

Algumas pessoas conseguem “filtrar” suas palavras, enquanto outras falam sem medir as consequências, o que pode resultar em discussões desnecessárias e até desagradáveis. Por isso, é fundamental aprender a se pronunciar de maneira sensata, pensada e educada, pois tudo pode ser dito desde que comunicado da forma certa.

Antes de expor nossas ideias, é essencial saber ouvir. Respeitar a opinião alheia é um princípio básico da boa comunicação, assim como esperar que o outro também respeite nosso posicionamento.

Ao longo do tempo, vamos nos moldando, aprimorando nossa capacidade de diálogo e aprendendo a sermos cautelosos ao expressar nossos conceitos. Dessa forma, conseguimos nos manifestar com equilíbrio, sem perder nossa razão, mas garantindo que nossa fala seja marcada pela educação e pelo respeito.

(Re)Conexões

Gizelle Ferreira
Historiadora, professora do município de Caucaia

A angústia destrói meu coração
Como um animal que destroça sua presa
O medo se instala em meu peito
E envenena a paixão, o encantamento,
o amor
Revelando a certeza da incerteza do que
era sentido, vivido, desejado.
Pode-se sobreviver a esse envenenamento?
Pode salvar-se dessa destruição?
Pode-se acalantar essa dor?
Aproximar novamente os corações?
Reestruturar as conexões?
Sentir, viver, desejar novamente?
Pode-se apagar da memória do coração
a angústia?
E reviver intensamente sem marcas
ou cicatrizes
As alegrias do conhecimento de outrora?

CARLUS CAMPOS



Por que a Barra do Ceará importa?

Caio José Gomes Lima Galeno
Membro do Conselho de Jovens
Leitores **O POVO**, estudante de
Administração na Uece

Um pôr do sol sobre o rio Ceará, uma praia linda com pescaria, cafeterias e restaurantes, e mais de 400 anos de história. Essa é uma fotografia textual da Barra do Ceará, bairro da periferia que respira a alma de Fortaleza.

Sua complexa história demonstra a transformação da capital alencarina ao longo do tempo, saindo de um pequeno povoado para a quarta maior cidade do País, com altos índices de desigualdade social e violência. Por detrás das manchas de violência, está um povo batalhador, trabalhador, atravessado pela miséria e o isolamento social, político e econômico.

Segundo bairro mais populoso de Fortaleza, a Barra do Ceará carece de melhor transporte público, postos de trabalho de

qualidade e desenvolvimento econômico. Diante da sua exuberante beleza, que inspiraria até o mais inóspito dos artistas, é natural encontrar no turismo a chave para a transformação da região.

Todavia, desenvolvimento turístico perpassa pelo planejamento cultural, engajamento das entidades públicas e projetos concretos de apoio aos empreendedores da região. Fortaleza perde ao não explorar um importante ponto turístico. É preciso facilitar o diálogo com agentes da comunidade, que estão dispostos a colaborar na construção de uma programação cultural e turística na Barra do Ceará.

São precisos editais, eventos, treinamentos, financiamento e apoio para regularização. Desenvolver jamais será sobre retirar a Barra do Ceará das mãos dos honrados trabalhadores que a constroem, mas de fortalecer o que já está sendo feito lá.

Por que os EUA não são indispensáveis?

Júlio Celestino
Advogado

A ideia de que os EUA são indispensáveis surge após a Guerra Fria (1947-1991), quando a sua superioridade militar, econômica e cultural parecia incontestável. Apesar do protagonismo, o mundo tornou-se não unipolar, mas multipolar. União Europeia (1993) e China (2001) rivalizam com os EUA em influência global, tecnologia e comércio. Na diplomacia, instituições multilaterais (ONU, G20, OMC e Brics) demonstram que o diálogo entre as nações é essencial para enfrentar desafios globais: mudanças climáticas, poluição, escassez de recursos e conflitos armados. Além disso, o histórico de questionáveis intervenções militares dos EUA, como no Iraque ou Afeganistão, revela que sua participação nem sempre confere estabilidade democrática aos povos, e após os cem dias de Donald Trump, muitos já falam – inclusive aliados tradicionais – que os EUA se tornaram um estado policial. Embora os EUA ainda desempenhem papel relevante, o mundo realmente não depende deles (nunca dependeu). Talvez seja chegada a hora de, cautelosamente, reconsiderarmos nossas melhores expectativas e olharmos para o próximo, sem estigmas.

Moda, consumo e influência

Rykel Aguiar
Ex-Correspondente **O POVO**

O mercado da moda se tornou acessível com o advento da internet. Entretanto, novos paradigmas surgiram. Houve a ascensão dos influenciadores que “democratizaram” o acesso ao luxo da moda. Mas será que essa “democratização” é realmente moda? O debate que há em torno desse tema é que esses influenciadores incentivam um grande consumo da moda, ao invés de analisar o consumo em moda.

O debate sobre essa temática necessita entender para além da compra, por exemplo, entender que a indústria da moda é a segunda que mais polui o mundo. É importante entender que a moda urge de uma análise apurada sobre seus processos e pós- processos. Precisamos rever nossos conceitos sobre quem fala sobre o assunto e quem de fato é um crítico da área.